

MEMÓRIAS DE ESCOLA *À Tieta (in memorium)*

Resgate de vestígios de memórias escolares: Jardim de Infância, Alfabetização e Ensino Primário até a 5ª série.

Magnaldo de Sá Cardoso (UFPI)

Grupo Temático -11: História, Memória, e Educação.

Antonio Nóvoa (1995) em “ Vidas de Professores”, aponta que a maior parte dos diários de professores contem exemplos tanto sobre a relutância em questionar o que se tornou rotina, como sobre seu entusiasmo quando investigam e experimentam novas idéias. E sinaliza, que os professores enfrentam sentimentos “ desconfortáveis de ambivalência”, quando começam a explorar as suas raízes no passado. E adianta:

[...] quando investigam o significado do ensino, dão início à tarefa árdua, tonificante e reconstituente, de se localizarem a si próprios e aos seus alunos em contextos sociais, históricos e políticos mais latos (NOVOA, 1995, p. 90).

Reconstituir o passado através da história e memória de infância é um dos desafios mais motivadores. Pois nos remetem às recordações guardadas no mais recôndito de nosso inconsciente. Que fazem parte da construção da personalidade e experiências vivenciadas ao longo de uma trajetória de vida. Segundo Eliane Marta (2001, p.65), “a infância não é simplesmente uma fase biológica, mas uma construção histórica e cultural, e portanto cívica e jurídica”. E vai mais além:

[...] só se pode conhecer a história da infância através de traços indiretos, ou seja, do ponto de vista dos adultos, que nas diferentes épocas, deixaram registros sobre o que pensavam. [...] que escrevendo suas autobiografias, e memórias, lembram a época em que foram crianças (LOPES; GALVÃO, 2001, p.64).

Antes de relatar fatos e acontecimentos que remetem a longínquas experiências do passado, cito o presente. Aporto, como motivação e fonte inspiradora, nas palavras de Cecília Cortez, em seu ensaio *A Escola e a Memória* (2003 p. 41).

Para além da história e da nostalgia a relação entre memória e escola é mais profunda. Antes de tornar as crianças felizes, antes de proporcionar seu desenvolvimento, sua função é dizer aos herdeiros o que será seu de direito, é legar posses do passado para o futuro. Sem testamento cultural e sem escola – que indique, selecione e nomeie, que transmita e preserve, que fale onde se encontram os tesouros e qual seu valor – não pode existir continuidade consciente do tempo, e, portanto, em termos humanos, nem passado nem futuro.

Como toda criança que frequentou os bancos escolares, também eu, na formação do caráter, recebi toda a benéfica e importante contribuição desta instituição formadora, disciplinadora, libertadora, motivadora, emancipadora, socializadora que é a escola.

Início agora, o relato.

VESTÍGIOS DE MEMÓRIA

Hoje sei, tratava-se do Jardim de Infância Lélia Avelino. Mas, naquele distante março de 1956, período em que se iniciava o ano letivo, não tinha a menor idéia que lugar era aquele, que pela mão decidida de minha mãe estava sendo conduzido. O lugar era diferente, com muitas crianças, sala com diversas e alegres figuras nas paredes e uma professora elegante, rosto ovalado, educada, mas não era “aquele” modelo de professora que eu imaginava. Ou melhor, a prof^a Teresinha de Jesus Soares, mesmo sendo boa pessoa e boa professora, não se parecia com a Tieta. Tieta, a nossa Tieta. Minha e de meus irmãos, e de todos aqueles seus alunos e alunas que ela cativava pela dedicação, zelo, competência e carinho. Carinho esse, que chegava a ser maternal, pela maneira protetora, amiga e conselheira, postura que sempre adotou em toda sua dedicada e profícua vida de professora e tia.

De minha alfabetização propriamente dita, no Jardim de Infância, tenho poucas lembranças. Até porque, a Tieta mantinha uma escola particular de “Dever” denominada Escola Particular Pequena Rubim, e todos as tardes, eu e meus irmãos “brincávamos” de estudar com ela, e assim fomos todos, pouco a pouco, sendo alfabetizados. O método utilizado era o da “Cartilha do ABC”, onde nos era estabelecido “uma lição”, gradativamente, íamos avançando. Primeiro as vogais, depois as consoantes, em seguida todo o alfabeto. Posteriormente as sílabas: ba, be, bi, bo, bu... A avaliação consistia em uma folha de papel com um “furo” ao meio para que só aparecesse a letra questionada

Apenas com o “furo” ao meio, o papel não permitia uma visão do todo, para que eu tivesse “uma idéia” da letra ou sílaba questionada – Era duro! Essa técnica de alfabetização, adicionada ao treinamento em “caderno de caligrafia” e mais, rudimentos de matemática, qual seja, contar de 1 a 10, tabuada de somar e subtrair, utilizando palitinhos de fósforos como motivação, proporcionou-me conhecimento suficiente para já chegar no Jardim de Infância “com as primeiras letras” – “desarnado”, como assim diziam – de modo, que não me recordo de ensinamentos, propriamente ministrados por minha “professora oficial” de alfabetização.

[...] Lembrar do espaço escolar é lembrar também do entorno, do trajeto que leva à escola, percurso de descoberta e manipulação, de aventuras e perigos, de brincadeiras e desafios (NUNES, 2003, p.16).

O Jardim de Infância Lélia Avelino e a Escola Modelo funcionavam no “porão” da Escola Normal situada na Praça da Bandeira. Entrava-se pela rua lateral da Escola Normal para chegar-se até o Jardim de Infância. Como eu morava na Rua Riachuelo, para chegar à Escola atravessava o “Parque da Bandeira”, localizado na praça do mesmo nome. A rua João Gayoso (hoje Firmino Pires) cortava o Parque ao meio. À direita, um campo de futebol (onde hoje é o Teatro de Arena) e um pouco antes um “quiosque” do Sr. Jesus funcionando como bar-restaurante. Próximo ao quiosque uma espécie de ilha com emas e seriemas. À esquerda da rua e ainda no Parque, animais dos mais variados. Era o “zoológico” da cidade. Iniciando-se com uma jaula com macacos, destacando-se o macaco Simão, novamente uma “ilha” com jabotis, cágados, jacarés, marrecos e patos. Um pouco mais à frente uma jaula, lotada com cobras, as mais diversas. E pombos, muitos pombos, que ainda estão por lá em seu “gorjear” característico que remetem às lembranças tão remotas de infância.

O Parque da Bandeira era também local de comércio e comerciantes, por situar-se próximo ao Mercado Central – O Mercado Velho – a variedade de tipos humanos era a característica marcante da área. Por lá andavam o “fazedor” de gaiolas de buriti (pois existia, e ainda hoje existe o comércio de pássaros); o “fazedor” de cestas de arame, com matéria-

prima colhida através da “queima” de pneus usados manufaturados ali mesmo, à nossa frente; o vendedor de roupas; “o homem da banca”, que enganava os incautos com um suposto laço, verdadeiro ou falso; o “homem da cobra”, geralmente vendedor ambulante de remédios “milagreiros”; o pipoqueiro; o garapeiro; “o gelado”; o alfenim; o vendedor de pastel; o vendedor de “chá-de-burro”,... E tantos outros que a memória já não alcança. Os *bazares* – casas onde se vendia de tudo – como anzóis, chumbadas, linha americana, varas de pesca, petecas (bola de gude), papel de seda para fazer papagaio (ou pipa), linha “zero” ou “40”, bolas de plástico ou couro, canivetes e dezenas de outras “bugigangas” de interesses comuns aos de minha idade, à época.

Nas escolas, as vestimentas específicas funcionavam para seus usuários como exigências de construção de novos papéis sociais. [...] É o sinal de que se reconhece e pertence a certo grupo social e a uma determinada geração (NUNES, 2003, p.17).

Estou agora no Grupo Escolar “Engenheiro Sampaio”, na Av. Campos Sales. Tenho seis anos, e estou matriculado na 1ª série do primário, minha professora é Maria do Socorro Rocha. A profª Socorro acompanhou-me da 1ª à 5ª série do primário. E quanto em 1963 prestei o Exame de Admissão, freqüentando as aulas particulares da Profª Edmilson (treinando bastante as descrições). Ela, por ter concluído seu curso superior em História e aprovada em concurso público, para meu contentamento, continuou a ser minha professora. Desta vez, lecionando História do Brasil, na 1ª série do ginásio do Colégio Estadual do Piauí – o Liceu Piauiense – mais tarde Colégio Estadual “Zacarias de Góis”. Tenho gratas lembranças da Profª Socorro Rocha.

Com fardamento completo, material novo e devidamente “encapado”, apresentei-me à sala de aula nos idos de 1958. Lembro-me de alguns colegas, não todos. O Ernesto e Alice, filhos do profª João Gabriel Batista; O Melinho, sobrinho da profª Socorro; o Raimundo Uchoa, canhoto e bom amigo. A Alice que demorou algum tempo para adaptar-se à escola. Para isso tinha sempre a companhia de uma “menina” que vinha de sua casa e ficava na sala de aula. Ela chorava muito! Mesmo com o irmão presente e a “menina”, ela não se calava. Demorou meses (acho) para se adaptar.

Gostava dos dias de chuva. Nesses dias, ia de capa amarela protegendo todo o corpo e um par de galochas negras, cano longo a aquecer-me os pés. Protegido da chuva, bemquentinho, merendeira cheia. A certeza de que na escola, encontraria bons colegas, professora bonita e carinhosa, e ainda, sendo conduzido pela mão querida da Tieta (aquela época já professora do Engenheiro Sampaio), lição “na ponta da língua”, devidamente corrigida por ela. Boas lembranças essas.

Certa vez, fui escolhido para em comemoração ao Dia da Árvore, recitar o poema “O sapo”. Uma experiência nova para mim. A Tieta encorajou-me, dizendo que eu era capaz, para isso deveria decorar o texto e falar pausadamente as palavras sem titubear.

No dia da árvore, nos distantes anos de 1960, lá estávamos eu e meus colegas de “apresentação”, postados diante da diretora Profª Eulina Gayoso Castelo Branco, todo o corpo docente da escola, funcionários, pais, convidados e alunos. A Profª Socorro autorizou. Dei um passo à frente e comecei:

O SAPO

Não se discute que o sapo é feio, é feio a valer.

Barrigudo, olhos saltados, mais feio não pode ser.

*Até já se disse em versos, que ao mundo o sapo não veio.
Para servir de modelo, por ser um bicho tão feio.*

*No entanto essa féaldade, não se discute a bondade.
Procurando certos bichos, pra sua alimentação.
Presta-nos muitos serviços, protegendo a plantação.*

*Porque apedrejar o sapo?
É ruindade! É malvadez!
Queria você por acaso, pagar um mal que não fez?*

Foi minha primeira experiência em falar em público. Gostei. Talvez tenha sido aí o primeiro despertar para a futura profissão que mais tarde abraçaria.

A Tieta ou a Prof^a Maria Antonieta Pereira Lopes, sempre esteve presente em nossas vidas (minha e de meus irmãos). Ela não casou, dedicando toda sua vida ao magistério e a nós – os filhos da Magnólia (minha mãe), dizia – e depois a nossos filhos, o que ela viria a chamar carinhosamente, com justa razão de “meus netos”. No entanto ela nunca foi *minha professora*. Foi quem me alfabetizou, tomava minhas lições, orientava e comprava o material escolar, levava a passeios, visitas, viagens, porém nunca “oficialmente”, *minha professora*.

Sempre, ou quase sempre, que era necessário me *apresentar* a alguém invariavelmente, ela falava: - *Este é o Magnaldo, meu sobrinho mais velho*. Nestes momentos, eu inflava o peito adotando uma postura (imaginava) à altura do meu contentamento. Sempre ficava muito orgulhoso daquelas palavras. Primeiro por ser *sobrinho* dela, segundo por ser o *mais velho*, portanto, em minha inocente vaidade o *mais importante*.

Um dia, colhi uma ata (pinha, fruta-conde) “de vez”, guardei-a muito cuidadosamente – para “amadurecer” – quando a fruta ficou madura, resolvi fazer-lhe uma surpresa. Na hora do recreio, na Sala dos Professores, dei a volta pela lateral interna do Grupo Escolar. Cheguei até à janela, e com a ata nas mãos chamei-a e disse:

-Tieta trouxe essa ata para a senhora, mas está um pouco esmagaiada.

Uma *parte* das professoras presentes à sala olhou pra mim. E estendi a ata que de tanto esconder de meus irmãos machucou-se um pouco. Ela olhou severamente pra mim, *olhar de repreensão* e com voz firme e contundente disse:

- Esmagaiada Magnaldo?

A *maioria* das professoras presentes à sala olhou pra mim. O que prontamente repeti a palavra, desta vez, pensando eu, corretamente e disse bem compassadamente.

- ES-MA-GA-LHA-DA

E foi com muita irritação na voz que ela retrucou:

- ES-MA-GA-DA, Magnaldo, ES-MA-GA-DA!

Já agora, *todas* as professoras presentes à sala olharam pra mim. Não sei se ela comeu ou não a tal ata, sei que saí dali rápido e encabulado por tê-la feito passar aquela “vergonha” em frente a todos as suas “colegas professoras”. Logo eu, o sobrinho mais velho!

[...] A questão da verdade neste ramo da história de vida depende exclusivamente de quem dá o depoimento. Se o narrador diz, por exemplo, que viu um disco voador, que esteve em outro planeta, que é a encarnação de outra pessoa, não cabe duvidar. Afinal, esse tipo de verdade constitui um dos eixos de nossa realidade social e, quase sempre, é encoberto por certezas que obedecem a explicações racionais e prováveis(BOM MEIH Y, 1996, p.45).

Estas são minhas verdades. Breves lembranças que vão da alfabetização aos primeiros momentos do Exame de Admissão ao Ginásio.

Apresento o resgate de memórias há muito esquecido ou guardado em lugares do passado. No entanto, quão agradável e reconfortante é recordar momentos de descoberta e aprendizado. De comparar o velho e o novo com a sabedoria de quem já viveu todos eles. Da escola, com sua rotina disciplinadora e formadora. Do gosto da merenda sua, e a de seus colegas mais chegados, na troca de pequenos prazeres da gula em breves minutos de tão esperado recreio. Do Exame Biomédico em que lembro o gosto/cheiro de álcool do tubo de teste da capacidade respiratória. Da balança trêmula ao comparar-me o peso ou da posição ereta para a confirmação de minha altura. Dos álbuns de figurinhas, resgate das melhores passagens e aventuras dos heróis do cinema. Das revistas em quadrinhos, onde Zorro, Tonto, Silver, Capitão Mavel, Mandrake, Homem Aranha, Batman e Robim, eram os astros principais. Das atividades de Educação Física, corrida de saco, futebol, apoio de peito. Das provas de Matemática, de Português, das aulas de Desenho. Dos santinhos “pra dar sorte” a acompanhar-me nas provas mensais. Do papel almaço, já com o cabeçalho caprichosamente preparado para o dia da prova, e um “decalque” do lado direito e acima para “embelezar” a futura nota. Do prazer de mostrar a meus pais o “boletim” de aprovação, documento vivo e comprobatório de meu “comportamento”. Das férias, meses tão ansiosamente esperados para as incansáveis brincadeiras. Do recomeço das aulas: material novo, colegas novos, novos conhecimentos, novas professoras, novas emoções. Das obrigações escolares que nos ensinam os deveres a serem cumpridos. Das tarefas a serem realizadas. Do compromisso do presente em benefício do futuro. Da esperança, das brincadeiras, da amizade e, sobretudo da **saudade**.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CADERNOS DE TERESINA – **Revista informativa e Cultural da Fundação Cultural Monsenhor Chaves**. Ano XIV, n. 33, Agosto 2002.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **O que você precisa saber sobre... História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola. 2000.

MONSENHOR CHAVES. **Obra Completa**. Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Teresina: Halley Gráfica e Editora, 1998.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antonio (org.) **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

NUNES, Clarice. Memória e História da Educação: entre práticas e representações. In: LEAL, Cristina Maria; PIMENTEL, Marília Araújo Lima. **História e Memória da Escola Nova**. Edições Loyola, S/A

SOUZA, Maria Cecília C. C. de. **Escola e memória**. Bragança Paulista: IFANCDAPH. Editora da Universidade de São Francisco /EDUSF, 2000.